



**IX SIMPÓSIO NACIONAL DE PRÁTICAS
PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES
- ATENÇÃO PSICOLÓGICA: FUNDAMENTOS, PESQUISA E PRÁTICA**

**MODALIDADES DE PRÁTICA PSICOLÓGICA
CLÍNICA: ATENÇÃO PSICOLÓGICA E
ATITUDE FENOMENOLÓGICA
HERMENÊUTICA**

Carmem Barreto

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UNICAP

Este texto é uma primeira aproximação de um estudo sobre a mediação da Psicologia Fenomenológica Existencial¹ na constituição de práticas psicológicas clínicas, desenvolvido por uma equipe ao longo do projeto de pesquisa “Modalidades de prática psicológica em instituições de saúde: atenção psicológica e formação do psicólogo”. Tais práticas serão brevemente descritas desde sua constituição até seus desdobramentos e a seguir, com base no pensamento existencial, pretende-se delinear algumas articulações possíveis entre a atenção psicológica, eixo norteador da prática psicológica clínica, e a “atitude fenomenológica”, em um sentido ampliado pelas inflexões heideggerianas da fenomenologia. O objetivo deste trabalho é contribuir para o delineamento de novas possibilidades compreensivas do Plantão Psicológico e do Psicodiagnóstico Interventivo, articulando atenção psicológica com atitude fenomenológica hermenêutica².

1 - A prática psicológica na pesquisa fenomenológica hermenêutica “Modalidades de prática psicológica em instituições de saúde”: breve descrição.

¹ Psicologia Existencial é uma das quatro perspectivas epistemológicas, apresentada por Penna (1997), e determina um trajeto para os estudos psicológicos, envolvendo métodos e conceitos sustentados por Heidegger e expostos em *Ser e Tempo*. No presente texto optou-se por designá-la de Psicologia fenomenológica existencial para dar maior ênfase à atitude fenomenológica, objeto de estudo da pesquisa em desenvolvimento.

² A Fenomenologia Hermenêutica proposta por Heidegger supõe, segundo Stein (1988), uma diferença ontológica entre “ser” e “ente” e exige uma desconstrução da ontologia do ente puramente subsistente.



A pesquisa relatada a seguir está em desenvolvimento e constitui-se o eixo temático de dissertações de mestrado e trabalhos de extensão, realizados com o Plantão Psicológico e o Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo, segundo a perspectiva da Psicologia Fenomenológica Existencial, no contexto de uma proposta fenomenológica hermenêutica realizada em diversos contextos institucionais: clínica-escola e serviços públicos de saúde. A pesquisa tem como objetivos: a) contribuir para o delineamento de novas possibilidades compreensivas do Plantão Psicológico e do Psicodiagnóstico Interventivo, articulando atenção psicológica com atitude fenomenológica hermenêutica; b) compreender como se realiza a prática psicológica nas modalidades de Plantão Psicológico e Psicodiagnóstico Interventivo; c) identificar os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a construção do Plantão Psicológico e do Psicodiagnóstico Interventivo; d) significar a atenção psicológica como eixo norteador das práticas psicológicas do Plantão Psicológico e do Psicodiagnóstico Interventivo; e) refletir sobre a atenção psicológica na prática psicológica clínica a partir de uma atitude fenomenológica hermenêutica.

A investigação está sendo desenvolvida numa perspectiva fenomenológica hermenêutica que privilegia a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer (1997), vinculada ao pensamento de Heidegger. De acordo com Denzin e Lincoln (2008), a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, é considerada como uma das posturas epistemológicas para a investigação qualitativa e define o papel do pesquisador enquanto engajado em uma análise compreensiva da ação humana. Gadamer (1997) parte da premissa heideggeriana que ontologiza a compreensão, inserindo-a no processo mesmo de realização do poder-ser do homem, pensado como ser-aí ou ser-no-mundo, distinguindo-a da dimensão de atributo humano que permite a reconstrução de uma base comum de vivências. Nessa direção, tal como Heidegger, Gadamer atribui à compreensão uma dimensão originária, mas o seu interesse, diferente de Heidegger, está voltado para o movimento da compreensão e a situação hermenêutica em sua especificidade (Lawn, 2007). Introduce a noção de horizonte compreensivo, reconhecendo que a compreensão comporta uma série de determinações prévias interdependentes para sua realização que se encontram imiscuídas no cerne de nossas possibilidades lingüísticas. Portanto, tudo e que precisa ser compreendido pressupõe o “encontro” de dois horizontes: horizonte inerente (determinações prévias) à coisa/ação a ser compreendida e o horizonte próprio (pressupostos) àquele que busca compreender. Essa dinâmica constitui o acontecimento da compreensão como interpenetração de dois horizontes que obedece às condições particulares de cada um dos horizontes que se interpenetram no jogo



compreensivo. Nessa direção, os dois horizontes fundem-se dialogicamente revelando a estrutura circular do movimento de realização do real. A circularidade da situação hermenêutica supõe uma abertura originária da compreensão que sempre reinstaura, uma vez mais, o processo compreensivo no cerne do círculo hermenêutico. Assim, compreensão se mostra como realização particular de uma fusão de horizontes em meio a circularidade da compreensão: uma realização que jamais esgota todas as possibilidades de sentido daquilo que se busca compreender (Denzin e Lincoln, 2008).

Como método de conhecimento e interpretação do real será utilizada a “Análítica do Sentido” proposto por Critelli (2006), que busca o olhar que vê a manifestação dos modos e do movimento do fenômeno a ser conhecido. Como possibilidade para viabilizar o “encontro” dos dois horizontes – do sujeito colaborador e do pesquisador – buscando a teia de nexos que acontece na circularidade da situação hermenêutica, será considerada a idéia do narrador apresentada por Walter Benjamin (1994) que, ao articular narrativa a experiência, lança mão da figura do narrador, ressaltando a ambigüidade que sustenta a elaboração da experiência, condição que possibilita a singularização e o conhecer a própria história pelo próprio lugar em que se está.

A intervenção está sendo desenvolvida na dimensão interrogativa (pesquisa) junto a profissionais que exercem sua ação clínica a partir destas modalidades de prática psicológica. A dimensão extensiva está sendo realizada no Serviço de Plantão Psicológico da clínica-escola da Católica, implantado em 2009, e no Serviço de Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo, implantado em 2008, na clínica-escola da Católica e, em 2009, no Ambulatório Multifuncional Infantil da Secretaria de Saúde de Pernambuco.

Paralela a fase de desenvolvimento da pesquisa e da implantação das atividades de extensão, a equipe dedica-se a estudos sistemáticos com os seguintes objetivos: a) identificar os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a construção do Plantão Psicológico e do Psicodiagnóstico Interventivo; b) desenvolver reflexões sobre a aproximação da atenção psicológica e a atitude fenomenológica compreendida em um sentido ampliado pelas inflexões heideggerianas da fenomenologia. As considerações realizadas até o presente momento serão apresentadas a seguir.

2 – Breve contextualização da prática psicológica clínica e das modalidades de Plantão Psicológico e de Psicodiagnóstico Interventivo.



A prática psicológica mostra uma diversidade de atuações, compreensões e concepções teóricas. Nos últimos anos, os estudos referentes às práticas psicológicas têm despertado interesse e investigação de forma mais sistemática, principalmente no que concerne à modalidade da ação psicológica e a concepção de clínica, que passaram a privilegiar uma maior articulação com o social, incluindo-se, nessa dimensão, o institucional. O “novo” fazer clínico envolve o contexto social no qual o indivíduo está inserido, ampliando o campo de atuação do psicólogo que passa a ater-se a questões mais complexas, voltando-se para as possibilidades de atendimento à população menos favorecida e até então a margem da proposta de intervenção do psicólogo.

Assim, a Psicologia vai, gradativamente, se desvinculando das práticas direcionadas para o atendimento a populações diferenciadas que privilegiam o atendimento individual, com hora marcada em clínicas privadas. Passa a assumir uma preocupação com a população antes excluída e que não tinha acesso a este tipo de cuidado, que ficava restrito a dimensão médica e psiquiátrica.

Com a inserção do psicólogo na rede de saúde pública essa possibilidade foi ampliada, abrindo espaço para outras modalidades de prática psicológica, visando torná-la mais receptiva à realidade histórica e social do mundo contemporâneo e, mais especificamente, à realidade brasileira. Alie-se a este fato a crise que atravessa a rede de serviços públicos em saúde mental que, por se mostrarem escassos e precários, levam os usuários a procurarem as clínicas-escola de instituições acadêmicas. Em tal situação, depara-se com uma clientela que requer um novo modo de acolher o sofrimento e de responder a ele. Portanto, não é mais possível ater-se a um modelo elitista que privilegia uma modalidade de atendimento individual e exclui uma determinada parcela da população que busca ajuda em tais instituições, além de contribuir para a formação de listas de espera que retardam o atendimento pretendido.

Importa esclarecer que a compreensão de prática psicológica, no presente projeto, está vinculada à produção do conhecimento sustentada no tensionamento teórico-prático. Privilegia o sentido originário de prática enquanto práxis do grego *prassein* (passar através), significando ação voluntária com decisões éticas, afastando-se da perspectiva da Psicologia cindida entre ciência básica e ciência aplicada. Compromete-se, assim, em manter contato estreito com a experiência do cliente, renunciando as posturas de controle e de previsão do processo clínico.

Tal compreensão possibilita acolher o Plantão Psicológico e o Psicodiagnóstico Interventivo como modalidades privilegiadas de prática psicológica, tanto no contexto de formação de psicólogos quanto na proposta de implantação de serviços em instituições de saúde



que busquem responder à pluralidade e à diversidade de demandas de ajuda psicológica advindas da clientela. Em tal contexto, escuta refere-se à atenção psicológica como intervenção para acolher a experiência de sofrimento do cliente no momento em que procura ajuda, não apenas no que convencionalmente se entende por queixa, mas atenta ao modo como o cliente às vive, ressaltando o entorno sociopsicológico de que dispõe para cuidar de seu sofrimento, como também as expectativas que apresenta quando busca ajuda. Nessa direção, responder, por sua vez, associa-se à explicitação da demanda e seus possíveis desdobramentos, o que possibilita ao cliente a oportunidade de posicionar-se frente àquilo que está experienciando.

O Plantão Psicológico vem se apresentando como uma prática que pela sua configuração vem acolhendo demandas mais diversas, desde clínicas-escola, instituições governamentais como Polícia Militar e Febem, como também Hospitais Psiquiátricos e outras instituições de saúde. As experiências têm se apresentado em contextos diversos e, pelas suas características, possibilitam, além de cartografar e conhecer os atores institucionais e a equipe de psicólogos/estagiários, compreender o sentido da demanda dos sujeitos institucionais por atenção psicológica, o que pode, muitas vezes, diferir daquilo que foi expresso no pedido inicial. Além dessa dimensão, o Plantão, por sua prontidão emergencial, acolhe a demanda de ajuda no momento em que ela se instala, podendo ampliar as possibilidades de compreensão dos demandantes e a busca de soluções concretas e circunscritas à realidade sócio-cultural da clientela atendida.

Tal caracterização apresenta-se com grandes possibilidades, pois além de acolher e cuidar do sofrimento do usuário no momento em que busca ajuda, acompanha-o na busca de alternativas que possam ajudá-lo a encontrar respostas, mesmo que provisórias. Pode, também, apresentar-se como uma atenção preventiva, já que o atendimento imediato no momento da crise pode evitar a exarcebação dos sintomas e até possibilitar o encaminhamento do usuário para outras possibilidades de atendimento além do acompanhamento psicológico sistemático ou psiquiátrico.

Quanto à modalidade de Psicodiagnóstico, Ancona-Lopez e colaboradores (1995) propõem o Psicodiagnóstico Interventivo, ressaltando a necessidade de acolher o cliente em seu sofrimento, no próprio momento da queixa inicial, levando em conta as compreensões e as considerações trazidas na primeira entrevista, já assumindo, desde o início, um caráter interventivo. Tal prática, ao possibilitar a apropriação das demandas pelos familiares, suscita novas compreensões sobre o membro familiar que é considerado como o problema e estimula outras possibilidades de resolver as problemáticas, lançando mão, muitas vezes, dos recursos da



própria comunidade. Nessa direção, pode ser também ressaltada sua dimensão preventiva, já que ao viabilizar uma discussão em grupo possibilita que as famílias se apropriem dos problemas, o que pode propiciar a criação de redes de atenção psicossocial que possam acolher as demandas apontadas.

Tanto o Psicodiagnóstico Interventivo como o Plantão Psicológico podem ser considerados como porta de entrada para o acolhimento e ajuda do usuário em sofrimento. Representam uma outra modalidade de prática psicológica, com características próprias e distintas do processo tradicional de triagem e de psicoterapia individual.

Após a caracterização de prática psicológica e das modalidades de Plantão Psicológico e Psicodiagnóstico Interventivo cabe identificar as perspectivas teóricas que fundamentaram a criação das modalidades em estudo.

O Plantão Psicológico nasceu no Serviço de Aconselhamento Psicológico da USP em 1969, proposto por Rachel Rosenberg e Oswaldo de Barros Santos e teve sua origem atrelada a Abordagem Centrada na Pessoa. Já o Psicodiagnóstico Interventivo, proposto por Ancona-Lopez e colaboradores em 1995, teve sua origem fundamentada numa atitude de crítica e ruptura aos modos tradicionais de fazer psicodiagnóstico, apresentando como possibilidade de novas configurações as dimensões compreensiva e interventiva. Com o desenvolvimento dessas duas modalidades, apoiadas em pesquisas e em serviços de extensão, as perspectivas que fundaram tais procedimentos foram se inter cruzando e alguns esforços foram se configurando na direção de articulação com os pressupostos da Psicologia Fenomenológica Existencial. Tais esforços, apesar de significativos, ainda demandam uma maior tematização, o que justificou o projeto de pesquisa indicado e as reflexões desenvolvidas.

3 – Atenção Psicológica e Atitude Fenomenológica Hermenêutica.

Inicialmente cabe explicitar a compreensão de atenção psicológica, circunscrita na perspectiva fenomenológica existencial de cunho heideggeriano, que norteia a proposta apresentada. Importa ressaltar que não se pretende aplicar as concepções de Heidegger acerca do humano como um conhecimento sistemático do qual derivam modos e métodos de intervenção clínica. Trata-se, sobretudo, de permitir-se afetar pela “mediação heideggeriana”, de deixar-se encontrar com o pensamento heideggeriano como outra possibilidade de acolher e compreender a demanda clínica disponibilizando-se a ser afetado por ela e, a partir deste acolhimento, conceber modalidades de como responder a ela.



Nessa direção, atenção psicológica refere-se ao interesse e preocupação para cuidar. Em tal perspectiva, 'cuidado' aponta para possibilidades de re-significar a ação do psicólogo clínico, que ao assumir a clínica como modo próprio de cuidar preocupa-se com o acontecer do cliente. Aponta para a possibilidade de compreender a prática psicológica enquanto "ação preocupada" atenta ao modo como o cliente cuida daquilo que tomou sob cuidado. Tal ação abre-se para a escuta de um falar de um existente que vai muito além de uma ação exercida num plano meramente teórico-científico e/ou técnico. Pré-ocupar-se com o outro é não substituir o outro no seu cuidar nem roubar o seu cuidar, mas antecipar-se a ele em seu poder-ser existencial, devolvendo o cuidar a ele. É pôr em claro a possibilidade de estabelecer outras formas de relação e habitar outros mundos, abrindo para o outro a possibilidade de liberdade onde o outro é deixado entregue ao seu poder. Atitude que afirma o cuidado como constituição ontológica do humano, já que "o homem não tem cuidado, é cuidado" (Almeida, 1999, p.46).

Caberia, então, a relação clínica acolher o 'sentido', aqui compreendido como destinação, que se aloja nas tramas construídas no modo cotidiano de viver no mundo. O 'sentido' nos remete para uma das dimensões de 'cuidado', implicando assumir que o homem existe, cuidando de existir. Nessa perspectiva, toma sob seu cuidado o que pertence a sua existência, apropriando-se do modo como é 'afetado' pelas coisas e ou pelos outros que estão aí, no mundo.

A ação clínica compreendida deste modo rompe com o modo de contato construído numa concepção técnico/explicativa, constituindo-se numa disponibilidade para acompanhar o outro (cliente) em seu cuidar das suas possibilidades mais próprias, dispondo delas livremente e com responsabilidade. Tal perspectiva possibilita questionar a prática psicológica tradicional, oferecendo subsídios para refletir a ação clínica desvinculada do domínio da técnica, podendo enveredar por outros caminhos afastados dos processos prescritivos voltados para o tratamento e a cura. Na concepção heideggeriana de técnica, esta deve ser entendida como coadjuvante de algo que já espera e solicita a ação para se desvelar, desvelamento já pressuposto e em curso dependendo da posição de disponibilidade e solicitude do psicólogo para o inesperado.

Assim, a prática psicológica clínica envolve mudança de atitude na relação que o cliente estabelece consigo mesmo e com o mundo, comportando uma desestabilização e estranheza com os modos cotidianos de estar no mundo.

Nessa perspectiva, é possível aproximar atenção psicológica e atitude fenomenológica – compreendida como lugar hermenêutico – como aderência e abertura ao fenômeno na sua



singularidade. Entretanto, na ação clínica, a interpretação apresenta-se como modo concreto, ôntico, fundado na compreensão e interpretação como existenciais, e está inscrita pelo modo de estar na relação com o outro. Os modos de estar com o outro, dentro dos quais se inscreve a ação clínica do psicólogo, são modos cotidianos de coexistência que se mostram como guia, para configurarmos o horizonte orientador dessa ação. No entanto, convém esclarecer, que eles não devem ser entendidos só como ações concretas, próprias dos modos de ocupação do psicólogo, mas remetidos às suas dimensões estruturais originárias do modo de existir do ser humano.

Assim, é possível aproximar a prática psicológica clínica e a atitude fenomenológica hermenêutica. A primeira, quando fundada em pressupostos ontológicos existenciais, aproxima-se da atitude hermenêutica. Ambas constituem um esforço compreensivo para retirar do encobrimento aquilo que já está aí, cotidianizado e encoberto pela familiaridade; enfim convocam-nos para um esforço de pensar que, ao desvelar a existência, a deixa em liberdade para apropriar-se. Não seria esta a tragédia humana: poder perder-se e apropriar-se? Resolver-se é seu destino: pôr-se na existência para poder-ser propriamente.

Desse modo, a hermenêutica assumida na analítica existencial como situação ontologicamente constitutiva da existência pode oferecer, enquanto pressupostos ontológicos, novas possibilidades de tematização da prática psicológica.

Assumindo tais pressupostos, a prática psicológica aproxima-se da atitude hermenêutica e passa a ser compreendida como ação do psicólogo implicado no movimento de experiência do cliente, acompanhando-o na tarefa de ampliar aquilo que sabe pré-compreensivamente, possibilitando que, na sua situação concreta e singular, se compreenda e assumo o que ele está sendo e no que pode ser. É mediante a própria audecrição da sua conjuntura e das suas maneiras de sentir-se e de responder a elas, que o cliente chegará a compreender-se como alguém que tem que ser e tem que decidir ser e como ser no conjunto das circunstâncias, as quais já lhe foram abertas na e pela exigência de interlocução na situação clínica. A experiência clínica caracteriza-se, então, como espaço de explicitação e apropriação da experiência existencial. Em tal situação, o cliente pode compreender-se e aceitar-se, sejam quais forem os seus sofrimentos, como único responsável – no sentido de responder – face às solicitações concretas de sua vida.

Assim, a ação clínica, pensada como compreensão da existência humana, a partir do âmbito de suas relações de sentido, pode ser ampliada pela perspectiva hermenêutica da atitude



fenomenológica – compreendida a partir de Heidegger. Tal atitude pode fornecer uma base fértil, tanto para a compreensão das diversas modalidades de prática psicológica, quanto para as atividades de pesquisa com a proposição de atitudes ou modos de disposição que buscam favorecer o “clamor da consciência”; clamor que provém da original *estranheza* de *ser-aí* como ser lançado no mundo do impessoal em que se encontra, na maior parte das vezes, para a sua angustiante singularidade, colocando o cliente diante de suas possibilidade, de sua fragilidade permanente nessa abertura a tarefa de ser.

Desse modo, a ação clínica é desvinculada da perspectiva tradicional da Psicologia e busca compreender o ser humano na amplitude de seu modo de ser, ressaltando facetas ontológicas que necessitam ser contempladas para acolher o poder constituir-se do ser humano como participante do mundo.

REFERÊNCIAS

- Ancona-Lopez, M. (1995). (Org). *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez.
- Almeida, F.M. (1999). Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser. In Morato, H.T.P. *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Laskov. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura - Obras Escolhidas*, v.1. São Paulo: Brasiliense.
- Critelli, D. M. (2006). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Denzin, N. K & Lincoln, Y. S. (2008). *O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Gadamer, Hans-Georg. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Heidegger, M. *Ser e Tempo* (1998). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Lawn, C. (2007). *Compreender Gadamer*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Penna, A. G. (1997). *Repensando a Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Stein, E. (1988). *Seis estudos sobre “Ser e Tempo”*. Petrópolis-RJ: Vozes.